



## **MEMÓRIA E CONSCIÊNCIA NA ARQUITETURA RELIGIOSA DO COMPLEXO FRANCISCANO DE JOÃO PESSOA: uma reflexão mística sociológica do imaginário patrimonial**

Antônio Pereira Tavares Neto - UFPB - (califaantonio@gmail.com)

Raquel Miranda Carmona - IESP - (carmona.miranda@gmail.com)

### **RESUMO**

O presente artigo busca dissertar sobre as narrativas místicas que envolvem o Complexo São Francisco/PB, João Pessoa, Nordeste, partindo do pressuposto gadameriano, com sua hermenêutica filosófica, a qual sugere que a compreensão não parte do comportamento em si dos sujeitos, mas do modo de “ser no mundo” de quem está a analisar e interpretar a vida e as coisas, em consonância com Martin Heidegger (2011) a partir de seu trabalho intitulado: *A caminho da linguagem*; todavia, busca-se compreender as subjetividades presentes na aura humana quando nas impressões de memória, consciência e verdade tecidas por um imaginário espiritual, construindo, assim, uma ‘Sociologia Religiosa’ que dialoga com o sentimento de pertença e valorização do patrimônio material/imaterial como parte indissolúvel da identidade dos indivíduos. E, é nessa relação (Criador x Criatura) que este trabalho se estabelece. O objetivo maior é desenvolver ações de diálogos que possibilitem um intercâmbio intercultural, valorizando, além do patrimônio arquitetônico, o turismo religioso, bem quanto enaltecer o sentimento de pertença histórico, cultural e social do indivíduo. Em suma, nossa reflexão conta com o apoio de teóricos pertinentes como Agostinho (1998), Alighieri (2005), Eliade (2001), Gadamer (1997), Morais (2013), Pouzadoux (2001) Platão (1998), Sartre (2000), Vieira (1998), dentre outros os quais alimentam nossa curiosidade e engrandece nosso processo de fruição intelectual à medida que nos dispomos a uma investigação sobre o imaterial presente nas simetrias de um imaginário místico e religioso.

**Palavras-chave:** Imaginário. Memória. Religiosidade. Educação Patrimonial.

### **ABSTRACT**

This article seeks to give a dissertation about the mystical narratives that surround the Franciscan Architectural Complex João Pessoa, Northeast, starting from the Gadamerian assumption, with its philosophical hermeneutics, which suggests that understanding does not originate from the subjects' own behavior, way of "being in the world" of who is analyzing and interpreting life and things, in consonance with Martin Heidegger (2011) from his work entitled: *On the way to language*; however, it seeks to understand the subjectivities present in the human aura when in the impressions of memory, consciousness and truth woven by a spiritual imaginary, thus constructing a 'Religious Sociology' that dialogues with the feeling of belonging and appreciation of the material / immaterial patrimony as an indissoluble part of the identity of individuals. And, it is in this relation (Creator x Creature) that this work is established. The main objective is to develop dialogues that allow intercultural exchange, valuing religious tourism as well as architectural heritage, as well as enhancing the individual's historical, cultural and social sense of belonging. In short, our reflection is supported by relevant theorists such as Alighieri (2005), Eliade (2001), Gadamer (1997), Morais (2013), Pouzadoux (2001) Plato (1998), Sartre 2000, Vieira (1998), among others, which feed our curiosity and enhance our process of intellectual fruition as we open ourselves

to an investigation of the immaterial present in the symmetries of a mystical and religious imaginary.

**Keywords:** Imaginary. Memory. Religiosity. Patrimonial Education.

## INTRODUÇÃO

Pensar numa identidade religiosa e patrimonial não é tarefa fácil, mas possível. Trata-se de buscar compreender a universalidade do que está posto como verdade e ir à direção do seu contrário, ou seja, deve-se duvidar de tais verdades (já postas) para não correremos o risco de pecar pela falta de originalidade e coerência na escrita e reflexão, além de prezar por uma responsabilidade a qual torna o pesquisador parte de um imaginário para além de seus limites enquanto técnica, pesquisa e compreensão de mundo, de si e do imaterial na condição de “corpo-pensante”, mistificado pela natureza simbólica da realidade que se constrói através das narrativas orais, textuais, etc., onde o tempo é o maior de todos os personagens.

Pensemos o tempo como parte de um complexo conceitual que alicerça o imaginário humano, propondo uma holística possível para a compreensão dos fenômenos que sustentam a síntese do pensamento crítico-reflexivo; conceito este, que, aliás, está para o todo, o plural de ideias e agrupamentos semânticos! Tomemos, pois a compreensão como uma forma de aprender “com”... (Antônio, José, Maria...), entendendo o cotidiano como a apreensão de ideias narradas, assim como visto e discutido no Complexo São Francisco/PB, já que toda sua estrutura física dialoga com as mais variadas hermenêuticas as quais transitam por uma dimensão subjetiva a qual tem no pesquisador a ínterim do recorte histórico-social que visa alimentar esse mesmo imaginário antropológico, no que tange a identidade do lugar, á uma visão sociológica contemporânea almejando um diálogo que transcenda o tempo histórico e o espaço condicionado à visão das pesquisas emergenciais, em curso; uma identidade compreendida como interdependências de relações, como sugere Moraes (2013).

Por falar em tempo, situemos o Homem no Tempo e no Espaço Histórico como parte de um complexo infinito e histórico, pois é ele quem constrói os significados dos espaços e os direciona a condição de pertença e identidade locada a partir de uma espiritualidade imanente, uma vez que toda ação do indivíduo para com a natureza é uma forma de moldá-la. Aqui, temos a utilização da tecnè, ou seja, a aquisição dos saberes com base nas sensações humanas, já que a técnica dialoga com as ferramentas as quais lapidam o bruto das coisas: neste caso, as informações, cujas mesmas devem abarcar o máximo das nossas “verdades”, alimentadas pela coerência e sutileza de nossas impressões; verdades, aqui aspidas, no sentido de que toda a verdade do mundo e das coisas é mutável e simbolicamente (ré) significada.

Como estamos buscando diálogos que contemplem o Complexo Franciscano de João Pessoa - PB, enquanto unidade mística-religiosa-sagrada atentemo-nos, também, a Doxa (em grego: δόξα), ou seja, o conhecimento comum que narra as simbologias do cotidiano e reforça o sentimento de identidade e pertença dos indivíduos, diferentemente da episteme o qual centra-se num conhecimento técnico, verdadeiro, de natureza científica, por que? Para podermos diferenciar os diferentes fatos, ações e/ou narrativas que venham a trazer dados importantes, interessantes e, que sejam relevantes a pesquisa aqui tratada. No mais, “Devemos temer unicamente o que pode de fato causar dano; e o simples temor não pode fazer mal (ALIGHIERI, 2005, p.15). Isso é salutar, é viável e necessário, já que os riscos, a adrenalina faz parte da pesquisa; é como um alimento indispensável, intransferível! Animemo-nos e sigamos em frente, alinhados a uma necessidade incansável de conhecer o que está por trás das simetrias, das volutas do imaginário religioso franciscano, dos mitos que envolvem a couraça simbólica do monumento.



Acerca dos mitos, por exemplo, sugere Gilbert Durand (1998) que é o “mito” que “descobre” a interpretação, o mito com suas marcas de referências metalépticas, as suas redundâncias diferenciais do “alguns”, seja ele “mito pessoal”, seja muito de uma época, seja mito de uma cultura, seja mito eterno e universal..., ou seja, se tomarmos como exemplo as narrativas míticas sobre o Homem veremos que muito se fala e se constrói acerca do mito humano em seus devaneios, porém o que mais impede de o ser humano seguir caminho, enquanto construção de si mesmo é a falsa ideia de unicidade e autoridade, alicerçados num emaranhado de utopias correntes no tempo e na vida. Contudo, retornemos a nossa proposta central: que é discutir hermeneuticamente o conjunto arquitetônico e “assisti-lo” filosoficamente no afã de sociabilizar informações capazes de centrar a espiritualidade iminente dos seus espaços e entorno para uma dimensão sociológica, cultural e identitária, baseando-se na mística/memória, consciência e verdade, buscando um sentido da vida, amparando as angústias que emanam de um agrupamento de sentimentos convexos e assimétricos os quais simbolicamente imprescindíveis a uma racionalização do conhecimento aqui traduzido, não como único, absoluto, mas como parte de um processo de formação e fruição de ideias.

## **2 A VERDADE VISTA DAS SOMBRAS: DA DEFINIÇÃO DE MÉTODO AO IMAGINÁRIO ESPIRITUAL FRANCISCANO**

É mister reconhecer que não há verdade absoluta, mas um intento a uma possível veracidade do que está sendo dito ou pesquisado, quer dizer, o que se constrói não é pois uma verdade a partir de um método, mas um caminho para se chegar a essa tal “verdade”. Tem-se, pois uma ironia no que tange a ação do homem sobre as coisas e o método que utiliza-se como elemento fulcral de seu direcionamento. Já dizia Platão (Filósofo Grego datado do ano 428 a. C.) que a verdade é algo que o Homem deve procurar, pois não se trata de algo concreto, tangível. Trata-se de um processo relativo, de buscas. A esse respeito, tomemos emprestada uma passagem da sua obra intitulada “A República”, quando refletido o Mito da Caverna, cuja metáfora sugere que os indivíduos passam a conhecer o mundo das coisas e de si mesmo a partir da sensibilidade, do mundo sensível, quer dizer, conhece através dos sentidos e do mundo inteligível, da razão:

Agora, meu caro Glauco, é só aplicares com toda exatidão essa imagem da caverna e tudo o que antes havíamos dito. A caverna subterrânea é o mundo visível. O fogo que ilumina é a luz do sol. O acorrentado que se revela à região superior e a contempla, é a alma que se eleva ao mundo inteligível. E este pelo menos meu modo de pensar (minha verdade pessoal) que só a divindade pode saber se é verdadeiro (relatividade da verdade com relação à divindade). Quanto a mim é como passo a dizer-te. Nas últimas fronteiras do mundo inteligível está a ideia do bem criador da luz do sol no mundo visível, autora da Inteligência e da Verdade no mundo invisível e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos levantados para agir com sabedoria nos negócios individuais e públicos. (PLATÃO, 1998, p. 109)

O que se vê é uma chamada para o saber das coisas e a passividade do pensamento humano, apontando falhas e rupturas na sua concepção de verdade de si, do mundo e para o outro. Sugere-se, então, que se a pessoa permanece em seu estado passivo de reflexão, olhando apenas as aparências das coisas e da vida está multiplicando ignorância e fomentando



a ilusão de que está liberto por suas próprias convicções e, que por si só, da conta de responder sobre o mover da vida. Conhecer a verdade, mesmo que provisoriamente, é estar numa direção contrária das sombras, no sentido oposto da verdade posta e, portanto, caminhar, agir, indagar, voltar-se interrogativo em busca do conhecimento, de uma nova condição de verdade que possa explicar a realidade, o momento, as experiências e a vida. Essas sombras, notificadas na fala de Platão, na verdade, são metáforas que exprimem um sentimento de culpa, medo, negação, tristeza da aura humana, mas que também uma forma de afirmar-se enquanto realidade e possibilidade de uma verdade para aqueles que não saem da caverna, da sua "zona de conforto", contentando-se em acreditar nelas absolutamente.

A partir de então, uma dicotomia espiritual e um dualismo conceitual se instaura e se enuncia como parte de um processo de ebulição de ideias. O que é dito pode não está dito no discurso em si, mas nas possibilidades de uma reflexão para além do próprio texto. O Homem, histórico e social se refaz a cada leitura, a cada direcionamento, se ajustando ao tempo e ao imaginário narrativo de sua consciência mítica. Buscando entender esse estado de inquietude humana, Gadamer (1997) ao refletir sobre as ciências filosóficas e as ciências do espírito aponta-nos uma questão importante:

A experiência do mundo social-histórico não se eleva a uma ciência com o processo indutivo das ciências da natureza. [...]; o conhecimento histórico não aspira, no entanto, a abranger o fenômeno concreto como no caso de uma regra geral. O caso individual não serve simplesmente para confirmar uma legalidade, a partir da qual seja possível, numa reversão prática, fazer previsões (GADAMER, 1997, p. 41)

Ou seja, não se pode pensar o todo a partir de uma simples dedução; não se produz algo achando que está no limiar da concretude, da legalidade. As ciências filosóficas têm um papel fundamental no processo de construção de saberes, ideias e inovações: "Mais do que isso, seu ideal é compreender o próprio fenômeno na sua concreção singular e histórica" (GADAMER, 1997, p. 41); é preciso pensar o antes e o depois do tempo-histórico, ditos fundamentais para uma identificação dos meios tangíveis de observação, análise, teorização, entendimento e compreensão dos processos que decorrem conforme a natureza das coisas e dos elementos que compõem a atmosfera da vida e do tempo. É pensável que o autor tente nos provocar quanto ao processo de compreensão das humanidades bem quanto de toda experiência humana sobre o mundo. A questão não é ele questionar os métodos, mas compreender os processos que os levam a uma condição de "refúgio" para o pesquisador. Dessa forma, na conclusão do autor, o que nos parece, é que não há uma verdade plena a qual possa ser alcançada metodicamente, mas dialogicamente, dialeticamente, já que dispendo de todos os caminhos possíveis o método seria incapaz de revelar a verdade, podendo apenas explicitá-la a partir do que está implícito no próprio método, uma vez que estamos tratando de processo...

Contemplando essa possibilidade, é possível admitir que seja insustentável a ideia de que haja um conhecimento válido universalmente, cuja dimensão da verdade se dê por experiência particular e histórica; tem-sê pois, uma certeza (se é que há!): que não existe uma certeza absoluta ou uma verdade hermenêutica capaz de responder o absolutismo das coisas e da vida. Por isso, a ideia de pré-conceitos e juízos formados a luz de indagações que se desprendem das certezas e alimentam as variantes da compreensão em longo prazo, haja vista que a verdade é imensamente profunda, e ao mesmo tempo gloriosa, infelizmente mesmo



após passar por tantos milhões de Kalpas é difícil para um homem entender e alcançar a verdade.

Pensando nisso, o Complexo São Francisco/PB, neste ínterim, é um divisor de águas num tempo histórico que transcende a imaginação do homem contemporâneo, sobretudo, paraibano; é um mito que atravessa gerações reformulando suas narrativas e seus conceitos de acordo com o estado de inquietação e verdades dos indivíduos em detrimento da sua espiritualidade e alteridade religiosa. Mas, para podermos discorrer quaisquer outras considerações conheçamos um pouco, como se possível, sobre Francisco de Assis, um personagem instigante e imorredouro. Diz-se as narrativas orais, testemunhais que Francisco de Assis era um homem rico, vivia no luxo, rodeado de pessoas dos mais variados perfis (bons e maus) e, que de repente cedeu a um chamado de Deus para levar o amor e a obra do Altíssimo a todos que necessitavam. Logo, viera a compreender e contemplar Deus enquanto obra prima: a Natureza das coisas e de tudo que existe. Nesse processo de convenção passa a vivenciar a fraternidade e nela descobrir a presença de Deus em si e nos outros. Por isso, o olhar para o outro, para si e para o mundo é com o olhar de Deus; Deus em abundância, fraternidade e liberdade. A criação passa a ser sua maior fonte de admiração em Deus e nas coisas, pois tudo tem o "toque" Divino! Essa íntima relação, a partir de então, torna-o parte da natureza em amplitude. Logo, essa proximidade com a natureza das coisas e da vida o constrói em fraternidade e amor:

ORAÇÃO DA PAZ: Senhor! Fazei de mim um instrumento da vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvidas, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a verdade. Onde houver desespero, que eu leve a esperança. Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz. Ó Mestre, fazei que eu procure mais: consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado. Pois é dando que se recebe. É perdando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna.

A verdade é que o amor em Deus e para Deus está em tudo que vemos, tocamos ou que, ainda, não vemos nem tocamos, pois a imaterialidade também está para uma dimensão do Altíssimo, para uma interdependência de verdades. Logo, da dimensão do amor de Francisco de Assis tem-se algumas ponderações interessantes que levam-nos a uma importante apreciação, pois: “[...] Torno a dizer que é grande madrugador o amor, porque quem tem cuidados não dorme” (VIEIRA, 1998, p. 10). Quem madruga pela salvação de sua alma jamais perderá o intento celestial de sua futura morada, basta apenas policiar-se acerca dos olhos do Gigante, pois Ele não dorme jamais. Assim, esse *Amor* que tantos falam teria um sentido mais terno e revigorante. Um ser que não “madruga” em sua própria madrugada não está banhado pela consciência de sua própria liberdade, já que a existência humana é liberdade, como sugere Sartre (2000); é um preso em sua ignorância, pois é, apenas, um reflexo, da injúria egoísta de um espelho social torpe e sem raízes.

Assim, o homem na sua dimensão social é um soldado maltratado pela própria humanidade; ele constrói castelos falsos os quais desabam na primeira ventania de suas ilusões. Sendo assim, como se postula a figura do homem numa sociedade espelhada? O Espelho, que significa para a construção do indivíduo? Bem, no que cabe a figura do Homem em sociedade é possível sugerir-lo numa perspectiva mítica: o mesmo sendo o próprio “deus do Olimpo”, quem sabe o próprio “Zeus”, senhor dos deuses. Esse homem admite a falsa ideia de poder e glória, absolutos em sua vã dimensão filosófica, pois nenhuma filosofia seria ou será capaz de delegar plenos poderes a um ser mortal em sua materialidade muito menos a um ser limitado em sua natureza existencial. Eis o mistério! Por outro lado, eis que os





Espelhos ganham maior notoriedade. Representam a outra face do homem, já que não consegue ser tão natural em sua simplicidade; por isso, reveste-se de máscaras que o acolhem em sua propriedade misteriosidade. Um misticismo que emana em prol de um alento fracionário em sua completude. O homem por si só é fragmentado por ele mesmo, pois não tem consciência de si e de suas certezas; o que pressupõe falta de autenticidade e regresso, pois a máscara, enquanto usurpação de sua própria identidade é uma fissura de sua própria consciência.

Aqui, se discute a liberdade do homem em sua construção política enquanto Ser, pois quando não se compreende enquanto sujeito liberto não se pode conceber-se como libertário em suas convicções. Todavia, a liberdade é algo almejada no sentido de que ela é “privada” mediante convenções esculpidas pela própria ideologia social humana desde os primórdios da civilização, pois a utopia da *tal liberdade* se esbarra na incerteza do que esta a caminho visto as intempéries de uma aurora regressa. Aqui, a noção de Verdade se confunde muito, pois pela ilusão de uma ideia unívoca da dominação o Ser que se diz Humano se perde na corrupção de sua própria mitologia, já que não passa de um idealista-ufanista em sua própria teia, construída em um emaranhado de tentáculos que o direciona para caminhos doravante mal construídos. Nesse sentido a Verdade se revela à medida que o sujeito compreende sua simplicidade e busca interpretar suas construções de mundo, pois então no próprio Deus, princípio da criação.

O homem é um cordeiro fiel desde que não seja corrompido pelo pecado original de suas ignorâncias, pois se buscar a Verdade enquanto conhecimento verá que a revelação da mesma está na grandeza do grande Deus em sua Majestade, visto que, de acordo com Agostinho (1998), “[...] a revelação é a condição necessária para todo conhecimento”, acrescentando, ainda, que “toda verdade é verdade de Deus, e quando alguém encontra a verdade, encontra Deus, de quem ela é (p. 60)”. Com isso, reforça-se a ideia de que as verdades humanas estão atreladas a uma Verdade Colossal Divina a qual não se pode “maculá-la”. Aqui, surge uma dúvida: Se a Verdade é a Verdade de Deus, no próprio Deus, como entender o Mistério de Deus se o mesmo reveste-se de um misticismo adornado na incredulidade de sua própria imagem e semelhança, visto ser o homem esse mistério de sua natureza?

Talvez, possa-se atentar para o Mistério como sendo algo abstrato em sua substancialidade, pois se fosse uma unidade concreta, tangível, o próprio Deus não seria Deus em sua Grandeza nem mesmo em sua Natureza Divina, mas sim um estereótipo invencional humano em sua mais pura e destra ignorância, comedida pela cegueira do seu próprio conhecimento em si mesmo. Numa postura visionária, o homem toma para si posturas inteligíveis, pois toma a figura divina (Deus, numa perspectiva cristã) como uma ideia possível aos olhos da salvação bem como da purificação do corpo (matéria) e da alma (plano imaterial), ou seja, busca refletir esse Ser Místico em sua imaterialidade como “mentor” da libertação da humanidade a partir de sua identidade existencial abstrata. Entretanto, esse mistério persuade o homem a partir de sua relação direta ou indireta com a própria humanidade, imagem e semelhança da ideologia Divina.

Se pensar o Bem como alicerce da convicção do homem pode-se concordar com Platão (1998) quando o mesmo sugere que o bem é a causa de todas as coisas justas e belas que existem, incluindo as outras ideias perfeitas, como justiça, beleza, coragem; mostrando, ainda que sem nenhuma delas a ideia perfeita de felicidade não existiria. O que de fato é justificável. Se o Bem é o princípio da grandeza entre todas as coisas, inclusive o pilar mor da espiritualidade humana, claro que o contrário dessa sensibilidade é apenas um retorno aos tormentos e trevas de uma existência em conflito. Eis o início da concepção de Pecado? Logo, o Deus, Divino em sua bondade, não haveria de ser Amor e Verdade em absoluto em sua

Grandiosidade Mística, Espiritual, Madrugal em sua majestade? O homem voltaria ao estado de irracionalidade, caminhando em larvas fumegantes, pois não se entenderia como Criatura nem mesmo como Criação. Eis uma incógnita filosófica que apenas reflete o homem em sua circunstancia e não em sua construção real, material; passando a vê-lo como um elemento arcano em sua existencialidade.

A natureza humana é um mistério em sua própria dimensão tão quanto à dimensão do Criador, refletido pelo mistério da enunciação, lapidado pelos ferrões das inquietudes assim como pela vazão da dúvida, ferrovia esta que leva o homem a uma profunda fusão de ideias e imagens que ajudam na moldagem de si próprio bem como de sua representação enquanto Ser em construção e afirmação Divina. Retornemos, pois a Georg Gadamer (1997) para entender essa logística do conhecimento e a apreensão das coisas, pois o mesmo nos provoca de forma a contemplar-nos em racionalidade e coerência na profusão de ideias a partir de alguns questionamentos: Mas que conhecimento é este que compreende que algo seja assim, por compreender que veio a ser assim? O que significa aqui ciência? Ainda que se reconheça que o ideal desse conhecimento é fundamentalmente diverso do gênero e da intenção de as ciências da natureza, estaremos sendo tentados, no entanto, a caracterizá-las, apenas privativamente, como as "ciências inexatas" (GADAMER, 1997, p41), ou seja: Por que as coisas são como são e não como deveriam ser? Qual a visão de ser das coisas e do outro a partir da interpretação de quem enxerga para além do que está dito, posto, visto...?

Essas provocações nos permitem asseverar a hipótese de que nenhuma verdade é dita, prescrita, interpretada, compreendida sem os devidos erros, sem as devidas lacunas, sem os descaminhos pressupostos na arguição do pensamento e da razão, visto que não sendo assim, teríamos sérios problemas quando na busca da compreensão do "eu", do "Outro" e da Vida. Mas, tentemos responder ao autor de forma serena e responsável. Sabemos que todo conhecimento é a apreensão de algo: de fatos, verdades alinhados a uma narrativa do cotidiano que, de forma coordenada, vem a ser de domínio público, tanto em relação à questão teórica quanto a prática; assim, tudo que envolve a construção de um processo metodológico no afã de "chegar" um determinado fim pode estar na direção certa do conhecimento que pode ser técnico, científico, linguístico, etc. No entanto, o que o autor nos sugere é voltar a um pensamento original e nos questionar sobre o porquê de ser assim quando na verdade poderia ser de outra forma; por que está posto assim, porque esta convencionado assim? Por quê?

Arriscamo-nos afirmar que trata-se de um conhecimento, cuja racionalidade possibilita a distorção de tudo, já posto como verdade, ré – significando o tempo, as coisas, as verdades, que por sua vez são "moldadas" e/ou ré – dimensionadas para outro ângulo, outras volutas de um imaginário em fase de afirmação; corresponde ao tempo, a época em que os enunciados acontecem e são mediados pela palavra, a maior instituição pública da humanidade. No que tange o significado de ciência, podemos dizer que refere-se ao estado de consciência organizado do Ser Humano a partir de uma concepção de sociabilidade, conhecimento, partilha, pertença e demais especificidades, pois em nenhuma das convenções ditas sociais/humanizadas podemos "sufocar" a noção de ciência, já que é o próprio Homem quem a produz e passa a ser orientado por ela. Talvez, esta dimensão do sagrado presente no imaginário humano se faça presente mesmo antes de o mesmo ser concebido. Sendo assim, o imaginário espiritual, do conjunto franciscano de João Pessoa, 'segue' essa mesma composição: é concebido pela dimensão de um conhecimento organizado, direcionado não para uma verdade pura, mas para uma predisposição a uma verdade em curso; o que está dito pode não ser dito e redito por outro prisma, outras simetrias. Gadamer (1997) nos condiciona a perceber que, a partir dessa premissa, nós, Seres Humanos, somos seres essencialmente hermenêuticos, ou seja, estamos a todo instante buscando o entendimento das coisas e da vida



e, de nós mesmos. Ele suscita, ainda, a noção de preconceito, não da forma como entendemos hoje! Como parte estruturante na formação cultural do indivíduo, pois a partir da filosofia de Martin Heidegger (2011) é possível perceber que o ser humano está no mundo e é influenciado por uma determinada cultura, já que esta mesma cultura possibilita os "pré-conceitos" sobre algo, alguma coisa de si para si e o mundo. Assim, não estamos dados totalmente as coisas, pois o Ser precisa investigar essas "coisas", o mundo, as tradições que possibilitaram esses conceitos. Precisamo-nos da hermenêutica para entendermos esses conceitos claros, por sua vez, de forma que o Ser Humano, dentro de sua cultura, se reconheça na hermenêutica. É interessante notificar que, na leitura feita em Gadamer (1997) orienta-nos a pensar que o Ser não está na coisa, mas não está só nele, no sujeito que conhece as coisas, isso faz com que não adentremos a filosofia realista e/ou idealista, por exemplo.

Não obstante, pensemos logicamente: é preciso que o indivíduo canalize a possibilidade de refletir sobre os pré-conceitos, ou seja, aquilo que temos dado, anterior ou prévio, que temos sobre as coisas e se permita entender os processos que envolvem a tradição, cuja dimensão está para a possibilidade do reconhecimento de si para si, sobre o outro e sobre o mundo, das coisas..., compreendendo a noção de autoridade como elemento fulcral para o reconhecimento de si para si durante as gerações posteriores, já que são elas quem perpetua o pensamento humano e o dimensiona a outros prismas e efeitos interpretativos. Dessa forma, tem autoridade quem conheci, sugere Gadamer (1997), ou seja, só posso ter autoridade se conheço alguma coisa, caso isso não seja possível torna-se autoritarismo que, convenhamos, uma sugestão a Idade Média quando as coisas, o mundo e o indivíduo eram interpretados de forma autoritária, imperativa. Sendo assim, para o autor, autoridade é conhecimento, é a própria tradição, quer dizer, aquilo que faz com que conheçamos as coisas, já que é ela quem permite um conhecimento vasto sobre o mundo e as coisas dele, da qual faz parte sua essência. Contudo, dialogar faz parte e é necessária a construção do homem e de sua natureza; essa hermenêutica considera o Ser Humano e as coisas, porém, não só o Ser Humano e não só as coisas, não se precipitando uma objetificação como a Ciência que não olha pra história; isso significa que o entendimento das coisas está na capacidade de reconhecer aquilo que é Ser em amplitude, na Tradição, nos Costumes e na Arte e não só isso, trás todo um conhecimento que esta por trás do objeto como também, possibilita o acesso para aquele que se vá muito além do objeto visto, pensado...

Essa esfera subjetiva a qual permeia a espiritualidade no complexo franciscano, possibilita outras reinvenções do pensamento assim como sugere uma maior capacidade de interpretar sobre o que está por trás daquilo que está posto, como exemplo a doçura dos espaços os quais compõe a atmosfera do lugar; é o lugar que traduz a divindade de São Francisco e a presença de Deus a partir das simbologias impressas em diálogos atemporais, transcendentem no tempo e no espaço, ainda, vigentes na arte, na tradição católica. Aliás, é a tradição católica que da vazão as inúmeras interpretações sobre o espaço franciscano bem quanto dos símbolos esculpidos nas paredes demais dependências. Nesse entendimento, adiante, nos debruçemos acerca da religiosidade, memória e patrimônio, ambos alicerçados na necessidade de esculpir o pensamento religioso e transcender nossa capacidade de interpretação das coisas do mundo e da própria vida em São Francisco o qual sugere Deus em todas as coisas, inclusive nós, criaturas pensadas a sua imagem e semelhança em espírito e divindade.

### **3 RELIGIOSIDADE E PATRIMONIALIDADE PRESENTES NA ALQUIMIA DA DEVOÇÃO: IDENTIDADE E MEMÓRIA PRESENTES NA COMPOSIÇÃO DA VIDA**



É certo que a espiritualidade é uma constante na vida de qualquer ser humano, está envolto de um misticismo religioso que amplia os horizontes da alma e revela o que há de mais singular na intimidade humana; é como um portal que revela o outro lado do "Eu" em processo de reconhecimento de si e do outro pela simples forma de compreender as coisas e o mundo que o cerca. Assim, podemos entender a religiosidade como um estado de ser espiritual que revela o Divino nas simples coisas assim como as coisas no próprio Divino em singularidade. Tem-se, pois a revelação da vida através da história, narrada pelas memórias e (ré)construída através síntese espectralada pela sensibilidade de um olhar que atravessa os prismas, a própria alquimia emergida da subjetividade a qual jaz a consciência mítica, religiosa e cultural; abre-se, pois outra "Via Láctea", outros meios de conceber o mundo e a realidade, cuja dimensão é infinita e cheia de mistérios os quais, em divindade, revelados na Oração como em Santo Agostinho, uma referencia a sua obra intitulada de Confissões (1998), quando diz:

Ouvi, Senhor, minha oração, para que não desfaleça minha alma sob a tua lei, nem me canse em confessar tuas misericórdias, com as quais me arrancaste de meus perversos caminhos; que tua doçura sobrepuje todas as doçuras que segui, e assim te ame fortissimamente, e abrace tua mão com toda minha alma, e me livres de toda a tentação até o fim dos meus dias. Pois é, Senhor, meu rei e meu Deus, e a ti consagro quanto falo, escrevo, leio e conto, pois quando aprendia aquelas futilidades, tu eras o que me davas a verdadeira disciplina, e já me perdoaste os pecados de deleite cometidos naquelas vaidades. Muitas palavras úteis aprendi nelas, é verdade; porém, estas também se podem aprender em estudos sérios, e este é o caminho seguro pelo qual deveriam encaminhar as crianças (AGOSTINHO, 1998, p. 09).

Observa-se, pois uma fortaleza espiritual apoiada na Palavra Divina, cuja amplitude constrói o sujeito a partir de uma consagração de si mesmo e os rituais sagrados que alimentam o estado de ser desse espírito em processo de equilíbrio e reconhecimento do que está envolto a sua memória e particularidade. Não tão obstante, vê-se essa memória religiosa como um patrimônio, ou seja, aquilo que historicamente constrói a aura de um lugar, a identidade de um povo, possibilitando o processo de reconhecimento da cultura até então instaurada por entre vielas e espaços, doravante, dialogáveis. Assim, se faz e refaz o Complexo São Francisco/PB – João Pessoa. Uma diferença importante para compreendermos este processo de reflexão está nos estudos da pesquisadora Moura Filha, (2013) quando da referenciação acerca da Memória e da Identidade:

As memórias constituem a nossa capacidade de perceber e reunir experiências, saberes, sensações, emoções e sentimentos que, por algum motivo ou outro, escolhemos para guardar. Elas são essenciais a um grupo porque estão atreladas à construção de sua identidade. É o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de continuidade e de experiência, isto é, de identidade. [...] Já a identidade é o sentimento de um indivíduo ou grupo em pertencer a uma determinada região, prática social, ideia ou sistema de valores. A identidade cultural é construída a partir do conflito da visão de mundo do "outro" como diferente da visão do mundo do "eu", ou seja, das diferentes identidades. Pode-se



acrescentar, ainda, que as identidades expressam uma postura e ação de afirmação (étnica, local, ideológica, etc) no jogo político do cotidiano. (MOURA FILHA, 2013, p. 07)

Assim, vemos a necessidade de entender que toda essa atmosfera faz parte de um complexo imaginário narrativo, cujo mesmo, ainda, segundo a pesquisadora, refere-se a "[...] conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo [...], presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças" (p.09), quer dizer, estamos diante de um processo de reconhecimento das nossas memórias e identidades a todo instante, (ré) significando-as e direcionando-as de forma a apreender melhor nossa realidade, pois pode-se dizer que a identidade cultural é uma questão que não pode ser posta de lado.

Todavia, compreender a religiosidade, partindo do pressuposto da devoção, é buscar compreender essa imaterialidade chamada fé, crença, e que, por si só, um patrimônio, visto que trata-se de [...] reconhecer, dentre outras coisas, que para avançar no entendimento não precisamos ir longe. Ao contrário, o que precisamos pode estar bem pertinho de nós, bastando apenas que dediquemos um olhar sensível ao nosso redor e ao que de fato atribuímos valor e, do mesmo modo, o que nos valoriza e dá sentido a nossa vida. É um olhar para dentro: primeiro para dentro de nós, depois para dentro de casa, do jardim, do quintal, do bairro, da cidade, e, finalmente, da região e do país (MOURA FILHA, 2013, p. 13). Esse "olhar para dentro" sugere algo muito mais amplo do que imaginamos, pois é nesse mergulho profundo que possibilitamos respostas para nossas incertezas, vindo a maturar nosso olhar acerca da vida; temos, pois a oportunidade de adquirir conhecimento ao mesmo tempo em que a partilha de outros ajudam-nos a disseminar nossas experiências e vivências. Assim sendo, somos todos educadores e educandos ao mesmo tempo, já que aprender é um processo constante e inovador.

Dessa maneira, busca-se entender essa narrativa existencial que tanto provoca os homens e os propicia as maiores fantasias sobre quando e como nascemos e como nos constituímos ao longo da vida. Buscando pensar um pouco (se é que possível) filosoficamente essa ideia de existencialidade para podermos compreender melhor nossas posições aqui. Começamos pela ideia de Criação, já que o homem faz parte dela, cuja mesma é mais contextualizada quando se inferem questões de ordem lógica e racional, pois tudo que existe só existe porque houve um começo; por alguma necessidade (como sugere o pensamento grego), porém o mundo material o qual conhecemos não é eterno como sugere Agostinho (1998), ou seja, se a natureza primeira das coisas teve um início quer dizer que o início, já pressupunha o fim, pois este seria um novo recomeço. O homem seria um (ré) começo, o princípio do fim ou a finalidade da existência? Pouzadoux (2001), em uma das narrativas de sua obra Contos e lendas da mitologia grega, A Criação do Mundo, nos fazem indagar sobre essas e outras coisas quando diz que "[...] na origem, nada tinha forma no universo. Tudo se confundia, e não era possível distinguir a terra do céu nem do mar. Esse abismo nebuloso se chamava Caos. Quanto tempo durou? Até hoje não se sabe" (p.07). Uma incógnita que lateja nos porões da imaginação bem como borbulha nos abismos da consciência humana, pois somos vítimas de nossas próprias dúvidas, ou seja, nossos sentidos são confundidos quando eminentemente somos levados a uma vazão racional. Contudo, é a dúvida que nos impulsiona a reflexão das coisas e do mundo.

Logo, a construção da humanidade é firmada pela relação corpo/mente calcados nos abismos de uma imaginação desajustada no tempo e no espaço como tais incontestáveis em suas grandezas e sutilezas, pois nem um nem outro é regresso em sua historicidade, mas um



"portal" para se compreender o presente que, já se configura como o "futuro presente" dos indivíduos. Dizem que o tempo cura, porém essa afirmação é uma desconstrução da própria noção de tempo no próprio tempo. O que cura (se considerar determinados estados como uma enfermidade) é a desconstrução das unicidades ideológicas atreladas à noção de normatividade, pois se cada indivíduo procurar guiar-se por uma criticidade humanista do ponto de vista da própria humanidade a qual está assujeitado talvez se possibilite a outras formas de convivências e aderências às "anormalidades sociais" enquanto comportamentos diversos e confrontáveis. Nessa perspectiva, a noção de tempo tem uma grande importância para a construção conceitual do homem diante de sua natureza selvagem, pois a observação da natureza se configura como a primeira percepção que o homem tem da passagem do tempo. Os ciclos das estações e da vegetação atestam à humanidade, a existência de uma vontade superior, divina, que assegura ao mundo sua constante regeneração.

Ao entender esta vontade, a humanidade desenvolveu o seu pensamento religioso, identificando-se com seus deuses a partir das sensações experimentadas, como sugerem Ana Tereza e Ivan Vieira no Artigo intitulado: *Uranos, Cronos e Zeus: a mitologia grega e suas distintas percepções do tempo*. Aqui, torna-se claro que o mundo fora construído pela percepção sensitiva do homem em relação com as forças ocultas, pois são elas que movem a utopia imaginária da própria ideia primeira das coisas. Considera-se, pois que, hermeneuticamente, de algum modo, somos selvagens em nossa própria natureza. Alias, somos selvagens porque não entendemos a selvageria de nossa natureza ou porque não somos capazes de refleti-la enquanto natureza pensante? Mais uma pergunta que obstina-se a desafiar o pensamento humano. Essas utopias servem de algum modo, para possibilitar o homem a uma imaginação sem fronteiras onde o limite é o ilimitável, onde o possível é o todo no castelo dos sonhos no castelo da vida... O Tempo, mítico em sua própria natureza temporal se revela de forma a desafiar a própria cronologia. Na visão da mitologia grega, segundo reflexões mais profundas de estudiosos, a concepção do *tempo mítico* era tida como "[...] um momento em que as potências celestes e telúricas se unem pela primeira vez e engendram as primeiras criaturas viventes. E um tempo anterior ao tempo, o período da cosmogonia, justamente o momento em que uma realidade passou a existir" (ELIADE, 2001: 11), ou seja, seria o tempo primeiro ao próprio tempo onde as criaturas se revelavam de maneira a exprimir a natureza selvagem do que se pode chamar de desconhecido pela própria essência.

Por conseguinte, essa axiologia espiritual evocada pela sensibilidade da alma nos sugere uma oportunidade única: a de duvidar de nós mesmos e das verdades as quais nos moldam no dia a dia, pois são essas dúvidas possíveis que ascendem à espiritualidade do conhecimento. Então, pensemos na "distensão do próprio espírito", como sugere Moraes (2013) quando reflete Santo Agostinho no que fomenta a dialética entre 'o tempo e a memória bem como com a correlação do conhecimento assimétrico', ou seja, o conhecimento que não se divide, entre 'o conhecimento de si e o conhecimento de Deus': Revelarei, pois àqueles a quem me mandas servir, não o que fui (*non quis fuerim*), mas o que já sou (*sed quis iam sim*) e o que ainda sou (*quis adhuc sim*). Mas não me julgo a mim mesmo. Assim peço que me escutem (Confissões X, v, 6). Por sua vez, essa reciprocidade entre o Homem e Deus revela-se em divindade através de uma dialética espiritual que emana de uma sensibilidade, cuja mesma faz a revelação de Deus nas coisas e em si mesmo. À vista disso, Moraes (2013) nos oportuniza a refletir a partir da seguinte interpretação sobre o fragmento acima: "O que foi é algo recordado, reestruturado, rememorado, é um presente das coisas passadas, o que é agora ou já é o presente em que se encontra o presente das coisas do presente; o que ainda é algo que permanece do passado no presente (p. 109).

Destarte, nos possibilita a busca pela coerência em interpretar a realidade tal qual é dada aos olhos do Homem e, como concebida aos olhos do Divino, ou seja, o presente é esse

marco temporal entre o que está diante do si e para si e a profusão de ideias que alicerça a razão de ser do sujeito. É mister, também pontuar que essa realidade concebida pelas conjugações humanas servem de "amparo" a espiritualidade emanada do coração pulsante do religioso, cujo patrimônio é a própria memória, o próprio espírito; é essa dimensão que torna o Homem uma divindade no próprio Deus e Deus na própria carne, uma espécie de metamorfose que aos poucos desabrocha e revela-se em sutileza, espiritualidade, memória, identidade, etc.

Como bem reitera Moraes (2013), refletindo Santo Agostinho em o livro das Confissões, o Homem, [...] reconhece, por meio da luz divina, o brilho intenso do amor de Deus, e se reconhece na presença de Deus de tudo o que possa ser, o que inclui a sua própria vergonha e nudez diante de Deus. O "eu" assume a própria imperfeição diante do amor de Deus e a culpa de seus próprios erros na confissão e, ao mesmo tempo, reconhece a bondade de Deus e o louva (p.112). Essa mesma intensidade reconhecida no amor divino também é encontrada em Vieira (1998) quando afirma:

Quer dizer o que imos dizendo, que sempre o amor de Deus e do próximo se há de antecipar e adiantar ao curso do sol, por mais que ele corra. O amor de Deus há de correr mais que o sol, dando graças a Deus antes que o sol apareça no oriente: *In gratiarum actione praevenire solem* – e o amor do próximo há de correr também mais que o sol, ponde-se em graça com o próximo antes que o sol se esconda no acaso: *Sol non occidat super iracundiam vestram*. (VIEIRA, 1998, p. 32)

O que sensivelmente se observa, é a antecipação do amor no próprio amor em Cristo, ou seja, a forma como Deus ama é um amor profundo em si mesmo e no outro de tal modo que nem mesmo o alvorecer do sol tão quanto o seu crepúsculo é capaz de antecipar essa divindade em amor abundante no homem e em Deus. O autor ainda nos põe a pensar em algo “notável”. Segundo ele, “[...] assim como o homem pode competir com o sol em se antecipar sempre ao sol, assim Deus compete com o homem em que se antecipar sempre ao homem. Dizia Davi a Deus: *Mane oratio meã preaveniet te*: Eu, Senhor, hei de madrugada todas as manhãs, com tanta diligência, que a minha oração se antecipe a vós” (p. 32 -33). Essa sensibilidade evocada a partir de um reconhecimento em Deus e para Deus é o que nos possibilita refletir sobre questões, doravante, “mal assistidas” ou contempladas em dimensões maiores. O que nos parece é que devera haver um processo de inquietação, já que a quietude é um processo de reconhecimento de si em si mesmo e/ou no outro a partir de um ponto de partida. Contudo, qual seria ou será esse ponto de partida? Heidegger (2011) nos ‘provoca’ a refletir ao tratar da “quietude”, questionando-a e afirmando que: não é de maneira alguma o que não soa. Não soar é somente não estar na movimentação de entoar e soar. Mas a falta de movimentação não se limita à emissão de sons e a sua suspensão e nem deve ser assumida como repouso em sentido próprio. A falta de movimentação é somente o outro lado do repouso. A falta de movimentação está pousada sobre o repouso. O modo de ser do repouso é aquietar. Pensando rigorosamente como o aquietar do quieto, o repouso movimenta-se muito mais do que um movimento e tem muito mais movimentação do que qualquer moção (p. 23). Talvez, uma pretensão do autor em nos chamar a atenção para o estado de ser dos indivíduos quando da necessidade de estar para além do que é posto como ponto de chegada e/ou de partida; estar quieto não possibilita um ajustamento coerente das coisas nem tão pouco suscita reflexões, cujas direções nos ajudam na composição de narrativas as quais nos emancipem e nos coloquem, também, como partes fulcrais da sociabilidade humana.



Tendo em vista essa sensibilidade acerca do que fora tratado aqui, entendemos que há muito que: estudar, analisar, teorizar, entender e compreender, pois muitos são os esforços para correlacionar ideias, conceitos, reflexões e paradoxos os quais alimentam as inúmeras narrativas do cotidiano no afã de permitir essa interculturalidade quando direcionada para o sagrado, o místico religioso e suas nuances emergenciais; trata-se, pois de buscar maturar os processos de compreensão do espírito e fomentar aberturas de diálogos e considerações plausíveis acerca do imaginário religioso entendendo-o, primeiramente, como uma oportunidade de aprender a aprender sobre as subjetividades encontradas nos mais simples apontamentos da alma e da razão humana.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de Memória, consciência e verdade, hoje, são desafios e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de reinventar as narrativas do cotidiano que assistem nossa mudança de hábitos, comportamentos e, por que não (?), de pertencimento. Essa tal Verdade a qual se busca incessantemente compreender a partir de "Ns" situações é, na verdade, o Verbo de Deus, na concepção agostiniana, onde a paz, a felicidade e o equilíbrio buscam constituir a perfeição humana, cuja mesma devera estar para a totalidade de Deus, uma vez que se apresenta tal qual imagem e semelhança do Divino.

Nesse entendimento, o presente artigo buscou de alguma maneira, reconhecer o homem em si, em Deus, primeiramente, propondo uma busca interior de si consigo mesmo; na verdade, uma proposta para contemplar a verdade habitada no interior do homem e da vida como um patrimônio imorredouro e imaterial: *Noli foras ire, in teipsum redi: in interiore homine habitat veritas*. Ou seja, mergulhar dentro de si para entender a grandeza do si em Deus e na Alma. É o homem interior que busca esse equilíbrio e valoramento espiritual, pois quando se busca essa intimidade no interior da alma lá está Deus em corpo presente, vivo e significativo. É a partir daí, que a vida ganha contornos e adornos que, aos poucos, moldam o agir humano e sua singularidade valorativa. Espera-se, pois que através dessa leitura o leitor possa experienciar Deus enquanto parte de si tão como patrimônio trino de sua verdade visto que em Santo Agostinho 'homem é *imago Dei*', imagem de Deus. Assim, o homem enquanto imagem de Deus é, por si só, a intimidade primeira a qual jaz o interior da verdade.

Em síntese, concebamos o conhecimento aqui traçado como uma sinergia operante, isto é, a composição de ideias que ajudam-nos a interpretar, ou pelo menos tentar, a vida através de outras lentes as quais sensíveis a alguns assuntos e particularidades do "Eu" humano. Todavia, esse prisma de 'verdades' aqui defendido e/ou apurado serve-nos de apoio no que cerne a formação de uma consciência política, crítica e imagética daquilo que nos é dado como verdade e pô-la em "cheque" no ímpeto da possibilidade de questionar e duvidar das próprias dúvidas e, assim, alçar voos mais reluzentes. Com isso, é importante entender a espiritualidade como um patrimônio imorredouro visto o amor de Deus no próprio homem, já que [...] se considerarmos o amor de Cristo enquanto homem, é amor perfeito, e o que é perfeito não pode melhorar; se o considerarmos enquanto Deus é amor infinito, e o que é infinito não pode crescer." (VIEIRA, 1998, p. 328-329), isto é, o princípio, meio e fim está para Deus assim como para o Homem à sua imagem; portanto, infinito na divindade.

Por fim, um pouco de encontro com o Espírito, Deus e a Memória enquanto Patrimônio Histórico ressaltando a importância de se questionar o, já posto no jogo da vida; nos atrevemos afirmar que a vida é um jogo pelo fato de que seus fatos transcendem o tempo e a memória de quem se refaz no amor, na palavra e no carisma de cada alvorecer bem quanto





de cada crepúsculo..., no mais, é sabido que o Homem habita em Deus, assim seja na verdade da Vida.

## REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia** / Dante Alighieri; introdução, tradução e notas de Vasco Graça Moura. Edição bilíngue – São Paulo: Editora Landmark, 2005. DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Trad.: Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo – U.S.P, 1988.

AGOSTINHO, Santo. . **Confissões**. In: Coleção Os Pensadores, Abril Cultural. 1998.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**, 3ª edição. Tradução Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem** / Martin Heidegger; tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 5. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011.

MOURA FILHA, Maria Berthilde. **De Filipéia à Paraíba: uma cidade na estratégia de colonização do Brasil: séculos XVI – XVIII** / Maria Berthilde Moura Filha. \_\_ João Pessoa: IPHAN / Superintendência na Paraíba, 2-10.

MORAES, Suelma de Souza. **A dialética entre o conhecimento de si e o conhecimento de Deus no livro X das Confissões de Santo Agostinho**. Suelma de Souza Moraes. 2. A edição. São Paulo. Fonte editorial. 2013.

PLATÃO. **The Republic**. Nova York, Oxford University Press, 1998. (em português A República)

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega** / Claude Pouzadoux; ilustrações de Frédérick Mansot; tradução de Eduardo Brandão. — São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **Nausea**. Nova York. New Directions, 1959 (em português, **A náusea**, 2000).

VIEIRA, Antônio. S. J. **Sermões / Antônio Vieira**; revisão e adaptação de Ferreiro Ozanan Pessoa de Barros; supervisão de Padre Antônio Charbel, S. D. B. e de A. Della Nina; introdução e supervisão técnica de Luiz Felipe Baêta Neves. – Erechim: EDELBRA, 1998.